

**Mesa de diálogo Virtualidades / Viralidades**  
**Congresso FEPAL 2020**

*“Na necessária combinação entre a filiação - que sempre se estabelece com base no amor - e a capacidade crítica - que não implica destruição, mas desconstrução - está o futuro de toda herança. Assim nos posicionamos diante do pensamento dos analistas que nos precederam, para que seu legado não seja fetichizado nem destruído ”.*  
(Silvia Bleichmar).

Gabriela Salazar Canelos<sup>1</sup>  
Quito, Equador

Passei na minha formação como analista, desde o Equador, entre o Skype de seminários presenciais-virtuais, supervisões nas quais eu tive a oportunidade de escolher os analistas que eu desejava me acompanhassem e uma análise didática muito comprometida em modo condensado, com alta incidência de atenção virtual, nos anos anteriores da pandemia.

**Virtualidade:**

Durante a pandemia, os psicanalistas puderam trabalhar, situação que não acontecia com todas as disciplinas. Eu argumentei durante anos que no virtual existe a possibilidade de análise, não só de psicoterapia. Mais eu acho que a análise virtual não é para todos os pacientes, nem é algo onde todos os analistas serão bons pelo desconforto que a relação pode gerar sem um corpo presente, mas eu acho que é possível, sob certas condições de ambos e em ambos. O compromisso com o processo do paciente obriga ao analista a se sentir incomodado mais de uma vez, ele deve procurar diferentes caminhos para superar as distâncias e a falta da presença que geram campos de diálogo e acompanhamento que passam pelas dificuldades e resistências típicas de qualquer análise, mas exacerbam resistências e reduz o campo de manobra do analista.

Durante este tempo tem havido várias experiências clínicas das quais teremos anos para pensar a partir do *après-coup*, bem como diferentes pacientes e analistas em únicos momentos heterogêneos de cada análise. Chegou ao meu conhecimento que muitos detratores da análise virtual agora eles não são. Pois não é possível não analisar ou supervisionar virtualmente, uma realidade que foi escolhida por tantos outros durante anos, para alguns foi algo forçado, mas possível, graças a alguns movimentos necessários que nos fizemos.

Eu acredito que a análise virtual passa pela criação de um **dispositivo** que leva em consideração, antes de mais nada, a **predisposição** do analista para se comprometer com seu paciente, valendo-se de sua voz, de sua presença na ausência, da permeabilidade necessária para reinvente-se tantas vezes quanto seja possível, fazendo ajustes no dispositivo para ser uma dupla que trabalhe pensando juntos a partir da assimetria e do

---

<sup>1</sup> Traducción revisada al português por Fernando Ríos, Quito- Ecuador

*encuadre* interno do analista. Este aí considera a necessidade de contar, como analistas, com um determinado estado mental que possa criar algo novo durante o processo.

Em 2010, Asbed Aryan escreveu sobre a psicanálise à distância:

*"A psicanálise [...] adere aos fatos de seu campo de trabalho, tenta resolver os problemas imediatos da observação, continua tateando na experiência, sempre inacabado e sempre pronto a corrigir ou variar a suas doutrinas."*

### **A viralidade do virtual:**

O ser humano é um animal que joga, se transforma e passa por experiências que pode fazer próprias, assim como os analistas em formação são profissionais não somente receptores de uma transmissão de experiências. Eu me pergunto: Qual é a diferença entre humanos e andróides? Acho que é estar em contínua transformação, pensando e se vinculando emocionalmente, situação que foi posta em risco durante o *distanciamento social*, que eu concordo, seria melhor chamar de *distanciamiento sanitario*, para enfatizar justamente a importância de fazer parte de um **tecido social**, ainda mais nessas circunstâncias.

Durante a pandemia, enfrentamos um vírus estranho, mutável de pessoa para pessoa, imprevisto, letal, gerando sintomas tão estranhos quanto inimagináveis que gerou um contágio do digital. De repente nós tivemos amigos e parentes que foram relutantes, alheios ao uso da tecnologia, abrindo contas em plataformas, aprendendo a fazer upload de vídeos, jogando online, entre outros. Em mais de uma família, 4 computadores foram conectados simultaneamente tentando dar continuidade a uma vida pré-estabelecida antes da pandemia -como se aquela estrutura fosse necessária, embora excessivamente exigida, para agarrar-se a algo no meio de tanta incerteza-.

Com a velocidade da globalização, estamos infectados com plataformas virtuais. Ficou evidente a necessidade de compartilhar, um sujeito pode se apaixonar pelo whatsapp? Como funciona o sexting? A Wikipedia ou o Google podem nos ensinar o que é transmitido pessoalmente por meio do contato humano? Acho que são algumas questões que hoje nos temos muito mais material para ser respondido do que antes. Todos vivemos hoje os alcances e os limites da virtualidade.

Em muitos casos, conhecidos e não conhecidos, assim como os próximos, tornaram-se um tanto distantes. A necessidade foi sentida e as respostas foram buscadas para viver além da sobrevivência imunológica. Exigimos coisas que nos faça sentir, pensar, sonhar. A vida tornou-se tão plana, sem cores, que se você não plantou seu próprio jardim virtual, como poderia manter uma vida que deixou de ser estimulante por mais de seis meses?

O vírus nos fez seres perigosos para os mais próximos, talvez por isso procuremos na distância, no virtual, a proximidade e a intimidade que era difícil manter com os do círculo mais próximo. Nossos íntimos podem ser muito amados, mas também exige brutalmente "amar uns aos outros sem a compaixão que a distância física oferece".

A virtualidade tem nos permitido ter alguma intimidade fora da convivência com os outros, essa ausência tem sido essencial para continuar vivendo com alguma harmonia e desejo.

## **A transformação como ferramenta vital:**

Tentarei entrelaçar, a necessidade de nos manter humanos por meio do jogo, do entretenimento (ter-entre), da capacidade de ser movido e se transformar, com o mesmo desejo que passa pela psicanálise para evitar tornar-se uma disciplina plana e retórica, imóvel, com risco de morte, mesmo se nos o quiser vivo. É importante resgatar o valor de algumas permanências, de algumas bases com raízes fortes, podemos mover, transformar e gerar ventos de mudança.

Percebemos várias vezes, ainda mais com a pandemia, quanto custa a nós psicanalistas e às nossas instituições, sair de lugares conhecidos e, portanto, confortáveis. Quando a necessidade vital, mesmo a econômica, nos forçou a mudar paradigmas, nos fomos muito mais capazes de repensar e transformar aquilo que há muito tempo parecia impossível.

Eu me pergunto se, ao invés de procurar reter posições pré-estabelecidas, condições institucionais e um imaginário pessoal, não seria conveniente para nós deixar ir um pouco e se esforçar para não parar de alimentar o pensamento psicanalítico, mesmo durante a formação com um diálogo entre disciplinas e horizontalidade democrática institucional, carregada de uma dose de liberdade.

É importante acolher o pensamento e a profundidade que vêm da pesquisa, da criação de propostas teóricas e de conteúdos próprios. Parece que para algumas sociedades psicoanalíticas isso é mais fluido do que para outras e é aí que eu acho o risco que corremos de nos tornarmos apenas técnicos do inconsciente, e não psicanalistas criativos, críticos, além dos herdeiros de uma formação.

Comentários de Elizabeth Roudinesco:

*“O que falta nessas sociedades poderosas hoje é **uma alma**, um **compromisso intelectual e político**. **Uma paixão**. Em suma, essas associações carecem de criatividade, **espírito de aventura**, um pensamento.”*

Eu acho fundamental parar pra pensar na eficácia do método psicanalítico, mas também que não podemos, se quisermos ser pensadores, repetir os erros do passado que não têm incorporado a tempo as mudanças culturais, que deixaram de dialogar com outras disciplinas, quem sujeitou os analistas em formação a “verdades” e condições institucionais que não permitem a horizontalidade, descartando a riqueza do intercâmbio intergeracional. Eu acho essencial repensar os pensums dos institutos, incluir e motivar os analistas em formação a que voltem a se nutrir com a literatura, as artes em geral; em suma, à paixão por conhecer os cantos e recantos que fazem da nossa alma e disciplina uma rede complexa e profunda, além da teoria e da técnica que é essencial transmitir.

## **Podemos criar uma sociedade psicanalítica em permanente transformação por escolha?**

Eu cito a Marcelo Viñar (2020):

*“Lo que tenemos es un dispositivo, el dispositivo analítico. No tenemos, con el tamaño de las ciudades actualmente, la posibilidad de trabajar tres o cuatro o cinco veces por semana; pero, la excusa de poner que la diferencia entre el psicoanálisis clásico y el actual es la frecuencia semanal de sesiones, ahí hay una simplificación absurda.”*

*“O que temos é um dispositivo, o dispositivo analítico. Não temos, com o tamanho das cidades hoje, a possibilidade de trabalhar três, quatro ou cinco vezes por semana; mas, a desculpa de dizer que a diferença entre a psicanálise clássica e a atual é a frequência semanal das sessões, aí tem uma simplificação absurda ”.*

Eu imagino com otimismo que no meu país (e tomara que em muitos outros), na ausência de uma estrutura institucional psicanalítica, isso continue a nos favorecer, pra fazer uso de uma liberdade, que conseguiu a nosso próprio pensamento avançar propositadamente, com uma horizontalidade saudável, ampla e respeitosa. Eu quero enfatizar que, em face das dificuldades (como a pandemia, como a formação da IPA em países sem sociedades), os psicanalistas e as instituições são capazes de criar novos dispositivos, propor mudanças além de uma convenção ou a necessidade de nos petrificar sendo conservadores das regras e hierarquias que tentam encobrir o poder e a possível anulação do outro, assim como das diferenças enquadradas em um contexto atual, em permanente mudança.

## **Bibliografía:**

Aryan, A. (2010) *Prólogo libro Psicoanálisis a distancia de Ricardo Carlino*.

Bleichmar, S. (2006) *Paradojas de la Sexualidad*. Buenos Aires: Paidós.

Roudinesco, E. (2020, Julio 5) *Diálogo con Alain Badiou*. Recuperado de:  
[https://grupoadestudiosacontecimiento.wordpress.com/2020/07/05/alain-badiou-y-elisabeth-roudinesco-defender-al-psicoanalisis/?fbclid=IwAR3PVpAisaNnNX3SEjyzOh-I0AxBX\\_C1cIIs\\_PBe7o\\_9eCZOCzkYE5YkPOo](https://grupoadestudiosacontecimiento.wordpress.com/2020/07/05/alain-badiou-y-elisabeth-roudinesco-defender-al-psicoanalisis/?fbclid=IwAR3PVpAisaNnNX3SEjyzOh-I0AxBX_C1cIIs_PBe7o_9eCZOCzkYE5YkPOo)

Viñar, M (2020, Junio 30) Entrevista para OCAL con Gabriela Salazar. Recuperado de:  
<https://ocal-candidatos.org/2020/01/27/entretejiendo-experiencias/>